

A COMPREENSÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA CONFIGURADA EM UMA REDE DE INTER – RELAÇÕES: FRANQUIA ESCOLAR

JEFFERSON ANTONIO DO PRADO (COLÉGIO OBJETIVO).

Resumo

Esta comunicação visa compartilhar uma pesquisa sobre que compreensão o professor tem investido sobre ele no que se refere a sua atividade docente no tocante ao conjunto de exigências que se configuram no pacote pedagógico nas redes de relações interdependentes de uma escola particular franqueada no município de Leme – SP. Tais conjuntos de exigências acompanham a estrutura organizacional, os pressupostos, os valores, as condições e metodologia de trabalho, os horários das aulas, as disciplinas, o nome da escola, a rede pela qual ela se vincula e, em especial, o material apostilado sistematizado adotado que se trata de um dos fios das teias de inter-relação de poder que pode auxiliar o professor a compreender sua atividade pedagógica eminentemente relacional. Desse fato, coube investigar em que medida as tensões no espaço e no tempo da sala de aula de uma escola particular franqueada instrumentalizaram o olhar do professor auxiliando-o na compreensão de sua atividade docente. Como essas relações se construíram nas malhas de inter-relação e de que forma o professor percebeu se a prática pedagógica de sua atividade pôde ou não ser compreendida nestas tensões, que, como já citei, se configura no pacote pedagógico adotado pela rede de franquias escolares. Palavras – chave: atividade pedagógica, configuração, inter-relação, interdependência, rede de relações, pacote pedagógico.

Palavras-chave:

Atividade Pedagógica, Inter – Relação, Franquia Escolar.

Introdução

A pesquisa que ora apresento, originou-se a partir de minhas observações enquanto docente. Desde 2001 sou formado em Letras e venho atuando como professor de Português, mais especificamente na frente de redação.

Ao lecionar em uma escola particular de uma cidade, no interior de São Paulo, percebi que, é comum a compra de uma franquia[1] que implica num pacote que contém: o nome da escola, a rede[2] a qual ela se vincula, a metodologia de trabalho, grade curricular e o material pedagógico apostilado.

A proposta de produção da redação aos alunos é sugerida, pela instituição escolar, com um tema determinado ao gênero do texto, numa tipologia extremamente pedagógica (narrativa, descritiva, argumentativa), concentrando-se as aulas e o material didático na exposição das fases de cada sequência, principalmente da argumentação, com o gênero escolar dissertação, definido como um texto composto de introdução (dado), desenvolvimento (justificativa) e conclusão.

Como se trata de uma atividade "simulada", visto que o material utilizado advém de uma franquia, a avaliação se aproxima das condições de produção do vestibular, em que o aluno dispõe de uma hora e quarenta minutos aproximadamente para elaborar e compor seu texto.

Aqui, observo como aparentemente limitante o trabalho do professor, pois ele acumula as instruções de correção do simulado, que diz como há que se corrigi-los, da forma como é oferecido. Ou seja, critérios já determinados pela franquia escolar

- o que revela um conjunto de conhecimentos postos em circulação na nossa sociedade a propósito de como um texto deve ser estruturado e que se baseia nas mais recentes teorias da linguagem, como por exemplo, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, entre outras, tidas como teorias contemporâneas, apenas "treinando os educandos no desempenho de destrezas" (FREIRE, 1996: 15) favorecendo mais uma repetição de conhecimentos e uma reprodução de idéias.

No tocante a tais questões, isto faz parecer, que a atividade pedagógica do docente seja tencionada por um conjunto de exigências adotado pela rede de franquia escolar, dentre eles o material apostilado, uma vez que possivelmente a autoridade da apostila é maior que a do professor, pautadas em relações às quais separam os que pensam dos que executam, capturando hipoteticamente o saber e o fazer docente, mantendo o sujeito professor, refém.

Objetivo Geral

Averiguar nas relações de configuração de uma escola particular franqueada, que compreensão tem o professor de sua atividade pedagógica ao ser mediado também pelo material apostilado utilizado, e investigar como esta atividade pedagógica se dá na compreensão deste docente, uma vez que ela está interdependentemente (ELIAS, 2001) ligada nas relações de poder (FOUCAULT, 2004), ao sujeito professor na rede de franquia enquanto espaço institucional.

Objetivos Específicos

- a) Verificar na instituição particular investigada, junto aos professores que trabalham diretamente com técnicas de redação nos 3º anos de Ensino Médio e curso pré-vestibular, como suas relações se estabelecem de fato;
- b) Elucidar de que forma as tensões interdependentes instrumentalizam o olhar do professor na compreensão de sua atividade eminentemente relacional;
- c) Observar se o professor exercita mecanismos de fuga, ou seja, reinventa estratégias didáticas ao trabalhar com o material apostilado, uma vez que possivelmente sua atividade pedagógica é domesticada pela instituição de ensino franqueado na qual está vinculado.

Hipótese

Minha hipótese é a de que o fazer pedagógico, embora seja tencionado por um conjunto de exigências adotado pela rede de franquia escolar; tais como a estrutura organizacional, os pressupostos, os valores, as condições e metodologia de trabalho, os horários das aulas, as disciplinas, o nome da escola, a rede pela qual se vincula, e em especial o material apostilado sistematizado; oportuniza possibilidades para que o professor, nas brechas e fissuras, no tempo e espaço da sala de aula, nos limites e nas possibilidades do trabalho docente, reinvente estratégias didáticas e pedagógicas que o auxiliam na compreensão de sua atividade eminentemente relacional.

Metodologia

Do ponto de vista da aplicação e métodos e técnicas de pesquisa, este trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual na tentativa de elucidar a hipótese levantada, optou por coletar e avaliar dados por meio da aplicação de questionário junto a professores de Língua Portuguesa.

Definição da Instituição Particular Franqueada

A investigação foi desenvolvida em uma instituição particular de ensino fundamental, médio e curso pré-vestibular de uma instituição particular de Ensino Franqueada, no interior de SP. Tal escolha se deu pelo fato desta instituição, ao pertencer à rede Objetivo franqueado de ensino, não possuir com o pesquisador nenhum vínculo empregatício.

Definição dos entrevistados

Responderam ao questionário oito dos dez docentes de Língua Portuguesa, especificamente os docentes de técnicas de redação que atuam nos terceiros anos de ensino médio e cursinho pré-vestibular.

Quanto à escolha dos professores ela se deu em detrimento destes profissionais manterem com os alunos um número maior de aulas, uma vez que as atividades de produção de textos, propostas pela instituição particular franqueada de ensino se aproximam das condições de produção do vestibular.

Acredito ser importante ressaltar que a identidade dos professores foi preservada a fim de deixá-los à vontade para a formulação de críticas. Para sociologizá-los, caracterizei os docentes como: Professora R, 35 anos; Professor G, 40 anos; Professora P, 29 anos; Professora A, 23anos; Professora G, 31 anos; Professora D, 38anos; Professora S, 42anos; Professor R, 33 anos.

Realização das entrevistas

A princípio a proposta foi a de entrevistar tais docentes e transcrever tais entrevistas. Contudo, jornadas exaustivas de até 60hs semanais de trabalho, de alguns destes docentes, inviabilizaram tal possibilidade.

Neste caso, o questionário elaborado com doze perguntas abertas foi proposto aos oito professores participantes para que o respondessem em suas residências, nas cidades em que moram. Esses professores foram por mim contatados, na unidade escolar em que lecionam durante os intervalos de suas aulas matutinas.

Referencial Teórico

Para dar suporte a esta análise, recorri, a um estudo bibliográfico de autores na filosofia e na educação como, Foucault (2004), Bourdieu (1975), e em especial na sociologia, tal como Norbert Elias, apropriando-me do valioso conceito de "configuração", "redes", "teias", "tramas", "inter-relações", "interdependências" e "habitus social" (ELIAS, 1994c p.249-250), por ele utilizado.

Penso a escola franqueada tal como uma instituição (corte), cujas tensões (conjunto de exigências - Ex: pacote pedagógico, metodologia, horários, interdições, e em especial o material apostilado), pode se tratar-se, por alusão, de tramas e fios de teias nas malhas de inter-relações da instituição particular escolar que talvez possa instrumentalizar e refinar o olhar do professor na compreensão de sua atividade docente à medida que ela vai se constituindo no espaço e no tempo, nas brechas e fissuras da sala de aula.

Análise dos dados

A escolha do instrumento metodológico utilizados para a análise das respostas ao questionário e sua categorização baseou-se em Bardin (2007) e em Ludke e André (1986, p.45), sendo para essas últimas, a tarefa de análise de dados,

"... implica, num primeiro momento, na organização de todo material coletado, dividindo-o em partes, relacionando-as e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões serão reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado".

Respostas e análise dos resultados obtidos

Os dados coletados por meio do questionário aplicado com doze perguntas foram analisados de acordo com as seguintes categorias: "material apostilado"; "conteúdos"; "condições de trabalho"; "perda da qualidade relacional"; "medo"; "tempo"; "punição"; "vigilância"; "controle"; "mecanismos de fuga"; "a domesticação do professor"; "compreensão da atividade pedagógica".

É importante ressaltar que as respostas ao questionário estão digitadas, por mim na íntegra, tais como foram respondidos pelos professores avaliados de Língua Portuguesa[3].

Assim sendo, para melhor direcionar e discutir estas questões e destacar possíveis respostas passo agora a análise dos resultados obtidos por meio dos questionários aplicados e a partir deles, observar, segundo a ótica dos professores como é o trabalho com o material apostilado em uma instituição particular de ensino franqueada.

Material apostilado, conteúdos, condições de trabalho, perda da qualidade relacional

Quando perguntado, aos oito professores como eles se sentiam em relação ao trabalho com o material apostilado, as respostas à questão de número quatro, revelou que sete deles afirmam um desconforto em relação ao uso em virtude do cronograma pré-estabelecido, o que geralmente limitava os espaços de criação, mas que de maneira geral o material lhes dava suporte, tal como se observa nas respostas a seguir,

"Às vezes, me sinto meio "amarrada" por causa da programação apertada, mas de modo geral, acho que o material me dá suporte e planejamento de aula" (Professora R, 35 anos).

"Sinto-me amarrada "parcialmente", pois acredito que o material funciona como um norte, mas não desconsidero a necessidade de exercitar outros mecanismos de fuga com abordagens diferentes que venham acrescentar na aprendizagem do aluno" (Professora G, 31 anos).

Tais respostas evidenciaram-me que os professores de língua portuguesa consideram o material como facilitador do trabalho. Isto revela que a existência de um material apostilado com conteúdos pré-estabelecidos, evita que os docentes percam tempo com a preparação de aulas.

Há, entretanto um consenso sobre o material: a questão do tempo, o extenso conteúdo da programação, o excesso de informações, atividades, bem como a

perda da qualidade relacional, são considerados como um agravante tencionador da atividade docente. Todas estas questões são demonstradas nas respostas a seguir:

"Ministro 56 aulas semanais, entre escolas públicas e estaduais. Qualidades: aulas bem explicadas e tarefas referentes a cada uma delas. Defeitos: textos antigos, alguns longos e desinteressantes, excesso de aula, programação "apertada e cerceadora" (Professora R, 35 anos).

"Ministro 52 aulas semanais, entre colégio público e particular. Qualidade: a seqüência cronológica, a organização, os aspectos práticos aos alunos, como por exemplo, o aluno previamente saber quais exercícios e conteúdos são contemplados, as ferramentas a serem aplicadas, etc" (Professor R, 33 anos).

A professora D, 38; o Professor R, 33; ressaltam ainda, quanto aos defeitos do material que além de não haver aprendizagem ou assimilação dos conteúdos, as sugestões são escassa, sem criatividade, atrelados à rigidez do método avaliativo, e engessado que apenas exploram a memorização e a reprodução de conceitos mencionados. Conforme suas respostas,

"Percebo que não há aprendizagem ou assimilação de conteúdos. No tocante às produções de texto, além de poucas, as sugestões são sem criatividade" (Professora D, 38).

"Defeitos: a restrição metodológica, a restrição de conteúdos e rigidez do método avaliativo" (Professor R, 33).

Medo, tempo, punição, vigilância, controle, mecanismos de fuga

Contudo, embora o material apostilado seja considerado "facilitador do trabalho", por trazer organizado, dividido e fragmentado por especialidades, o que o docente irá executar e o ideal de produtividade que se busca é o cumprimento do cronograma previamente estabelecido pela empresa no início do ano.

Há o medo do atraso, das sanções punitivas, mas mesmo assim a programação se cumpre em termos, uma vez que, a princípio todos responderam que "sim" a questão do cumprimento do calendário, embora com ressalvas, como a afirmação de que este "cumprir" só foi conquistado após alguns anos de experiência, adaptação e costume, tal como respondeu o professor G, 40 anos, e a Professora P, 29;

"Sim, cumpro a programação em tempo hábil. Esta façanha se dá em virtude da vasta experiência que tenho com o uso do material" (Professor G, 40 anos).

"Sim, eu cumpro a programação em tempo hábil. Pelo fato de trabalhar há alguns anos com o conteúdo apostilado, adquiri-se uma certa experiência em relação ao cronograma" (Professora P, 29 anos).

Contudo, tais afirmações em relação ao cumprimento pela vasta experiência em se trabalhar com o material é revestida de uma consciência que estes profissionais têm em relação a seu trabalho com a instituição, uma vez que, mesmo "degladiando-se", tal como registra a Professora G, 31 anos ao utilizar-se de uma metáfora de campo de guerra. Se não cumprirem as tarefas, ficarão sujeitos a punições, como possivelmente a perda do emprego,

"Considero exigente à medida que uma abordagem extremamente conteudística me traz certo "sufoco", pois tenho que "digladiar" sempre contra o tempo. Deparo-me sempre com a exigência do conteúdo, visto que, acredito ser ele elaborado e proposto de forma não tão eficaz ao alunado" (Professora G, 31 anos).

A pressão é grande e impede que o professor arrisque levar para a sala outros materiais, embora o façam esporadicamente, mas quando o fazem só o realizam com a autorização e o aval da direção, o que se caracteriza, portanto como um sistema de vigilância e controle das ações pedagógicas. Tais impressões são notadas como se observas nas respostas das questões de número seis, sete, oito e nove.

A professora G, 31 anos; assim se expressou na resposta no tocante às questões de vigilância e controle,

"Na frente da disciplina que atuo (redação) fica um tanto quanto difícil incorporar aulas extras em detrimento do exíguo espaço de tempo que o cronograma estabelece. Contudo, quando possível, e com a autorização da direção, e de acordo com a necessidade de cada grupo de alunos, acrescento abordagens diferentes a partir de material extra-apostila" (Professora G, 31 anos).

Apesar deste quadro e dos próprios limites impostos pela programação pré-estabelecida, é muito importante notar nas respostas que os professores exercitam sim mecanismos de fuga ao criar estratégias para acrescentar ao material apostilado outros instrumentos didáticos, oportunizados por novas possibilidades de trabalhá-los, embora tenham consciência de que suas práticas pedagógicas são controladas, vigiadas e domesticadas pelo sistema da rede privada de ensino tal como revela a seguinte resposta,

"Não há quase nenhuma possibilidade de incorporação de algum tipo de material extra - apostila, mas quando utilizo goste de trazer textos extras, letras de música ou vídeos, tudo com contextos e atividades que cobram o que foi estudado. Quanto à programação normalmente cumpro. Só quando há muitos feriados nos mesmos dias ou provas marcadas pelo colégio é que atraso. Também considero exigente a programação, porque não me permite diversificar muito. Quase sempre as aulas são obsoletas e desinteressantes e deveriam ser substituídas naturalmente". (Professora R, 35 anos).

Todas estas respostas indicaram-me que, apesar desta situação disciplinadora e restritiva inerente a cada professor, a maioria afirmou que é possível incorporar em suas aulas outros tipos de materiais didáticos, além da apostila, e que o fazem, sempre ou às vezes para que se completem os espaços e as lacunas que o material não compreende.

Entretanto, é explícita a ressalva de que "esta incorporação de material extra - didático" este "ir além" do previsto pela apostila, é difícil, pois supõe que o professor esteja "em dia" com a programação, algo que, segundo alguns, se conquista com a experiência adquirida no trabalho com o material previamente elaborado.

Convém, entretanto, ressaltar que este "ir além" na maioria das vezes envolve uma negociação com a direção pedagógica ou com a própria entidade mantenedora da unidade franqueada, respeitando-se as "poucas" possibilidades abertas pela rígida programação[4], como constatei nas respostas dos professores.

Domesticação do professor, compreensão da atividade pedagógica

Nas entrelinhas do questionário, nas respostas dos professores, nota-se uma decalagem nas condições concretas de produção docente: é evidente a percepção da fratura do discurso pedagógico prometido pela franquia; bem como a percepção entre o possível de ser executado pelo professor, em relação à evidente pressão do exíguo espaço de tempo para se trabalhar com o material apostilado.

Apesar deste quadro e dos próprios limites em relação às condições impostas pela programação pré-estabelecida, que se figura num conjunto de exigências adotado pela rede ensino franquizado, é muito importante para este trabalho deixar explícito que os professores compreendem sua atividade pedagógica e as exercitam embora vigiados e controlados por um sistema de ensino franquizado que domestica suas práticas.

Tais questões podem ser observadas nas respostas de número dez, onze e doze,

"Acho possível compreender minha atividade pedagógica desde que eu exerça criatividade e paciência. O material tem lá suas qualidades e posso explorá-la. O que tenciona o conhecer e o saber de minha atividade docente. As sugestões que proponho é que os alunos trabalhem em dupla (que não sejam fixas), após a explicação da aula. Sugeriria que durante esta atividade eles tivessem todo o suporte do professor para que suas dúvidas fossem esclarecidas, bem como a troca de informações efetuadas entre os pares. Também que as aulas fossem divididas em duas partes: explicação e trabalho dos alunos. E o mais importante, que o material estivesse mais atualizado e que houvesse "menos" aulas para que pudéssemos trazer propostas novas e diferentes em apoio ao que foi ensinado, cuja meta estivesse centrada na participação dos alunos também nessa busca" (Professora R, 35 anos).

"Quando o professor vai além da apostila e tem seu conhecimento acima do conteúdo proposto, acho possível que sua atividade docente se faça aí. O professor é melhor que a apostila. É ele quem faz o material funcionar. Em meu caso, percebo que a maior exigência ainda se trata da necessidade de cumprir a apostila em tempo exíguo. No tocante ao material apostilado utilizado proporia à instituição franquizada que desse ao educador uma liberdade maior, enfim, tempo para que executasse o conteúdo sem tamanha pressão. Enfim, que deixasse o docente mais à vontade para trabalhar o conteúdo programático e dessa forma tratar os alunos na sua diversidade, heterogeneidade" (Professor G, 40 anos).

Deste fato, percebe-se que o material apostilado se figura como um método cuja manutenção de poder e controle na sala de aula se dão em detrimento do trabalho pedagógico. A instituição particular franquizada se transforma, neste caso, num lugar onde se exercita certo tipo de relação de poder, por determinado grupo.

Todo este conjunto de situações, nas inter-relações que se dão no cotidiano da prática docente, nos remete à idéia de que o professor ao "intervir" nas decisões relativas ao controle de suas aulas a partir do material didático que media sua atividade exercita mecanismos de fuga, de "resistência", que colabora para que este profissional some e incorpore conhecimentos sobre o conteúdo de sua disciplina.

Em suma, a análise e a exposição desta pesquisa sobre as possibilidades de intervenção do professor no contexto de sua atividade pedagógica nas instituições franquizadas, que adotam como referência e prioridade o material apostilado, deixam ultrapassar uma lufada.

Dizer, por exemplo, que as formas de preparação e seleção de nossos alunos para as provas de acesso ao ensino superior, vendidas e negociadas pelos cursinhos e seus respectivos sistemas de ensino são excludentes, imparciais e injustas.

E, o que ainda acontece é a preservação de um sistema de privilégios onde os mais favorecidos são os componentes da chamada "indústria dos vestibulares", fomentada pelo apostilado, cuja lógica de funcionamento tentei equacionar ao longo desta dissertação, especificamente em relação aos apontamentos deste estudo, em especial no tocante ao material didático considerado o "astro" sob o qual se movem as relações construídas entre as matrizes deste modelo de educação franqueada.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: Adorno, T.W.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. De Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro; Zahar, 1986.

AQUINO, J. Groppa. *Os desmandos dos "apostilamento"*. In: rev. Educação, Ano 10, n.111,2006.

ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas, Papyrus. 2000

BENJAMIN. W. *Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2º edição. 2000.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *La nobless d' État grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989.

_____. *Sur le pouvoir symbolique*. Annales, Paris, v.32, n.3, p.405-411, maio/jun, 1977.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 (Memória e Sociedade).

CONTRERAS, J. *Autonomia de Professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

DOSSE. F. *A História da prova do tempo: História em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Unesp, 2001.

ELIAS, N. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

_____. *O Processo Civilizador. Uma História de Costumes*. vol. I Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994c.

_____. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Vol. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994d.

_____. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Conocimiento y Poder*. Madrid: La Piqueta, 1994a.

_____. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

FAORO, R. *A questão nacional*. Estudos Avançados, nº14, vol.6, São Paulo: USP, Jan, /Abr.1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 02 de dezembro de 1970, 2º ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do poder*. 19 ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. *Estratégia, poder - saber*. Coleção ditos e escritos. vol.IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Vigiar e Punir*. 22ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. 13º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.v.I e II.

Apêndice A - Roteiro do questionário aplicado aos professores do colégio Objetivo

- 1) Há quanto tempo você atua no magistério na rede particular franqueada de ensino?
- 2) Qual sua formação? Em Instituição Pública ou Particular?
- 3) Quantas aulas você ministra por semana?
- 4) Como você se sente em relação ao trabalho com o material apostilado? Justifique a resposta.
- 5) Aponte quais são para você as maiores qualidades e os maiores defeitos deste material.
- 6) Existe a possibilidade de incorporação nas aulas de algum tipo de material extra-apostila? Quais? De que forma você os utiliza?
- 7) Você cumpre a programação estabelecida pelas apostilas em tempo hábil? Justifique.
- 8) Você considera exigente a programação estabelecida no conteúdo apostilado? Por quê?

9) Como professor, você observa se há exigências produzidas pelo material apostilado didático que tenciona o saber e o conhecer de sua prática pedagógica? Justifique.

10) Você acha possível compreender sua atividade docente a partir das relações pedagógicas mediadas pelo material apostilado na rede de franquia escolar? Justifique.

11) Qual(s) outra(s) exigência(s), em sua opinião, adotada(s) pela instituição particular franqueada de ensino tenciona o conhecer e o saber da atividade docente no tempo e no espaço da sala de aula? Justifique.

12) No tocante ao material apostilado utilizado qual(s) sugestão(s) você proporia à rede de ensino onde você atua para tornar ainda mais viável em sala de aula sua atividade pedagógica? Justifique.

[1] Sistema pelo qual o detentor de uma marca registrada licencia firmas independentes para fabricação ou venda de produtos com tal marca, sob certas condições.

[2] Série de pontos de vendas ligados a uma só marca que respeitam a mesma política comercial de distribuição e orientação pedagógica.

[3] A identidade dos professores participantes foi mantida em sigilo, tal como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se encontra junto aos anexos desta pesquisa.

[4] Sem dúvida, um planejamento da programação e dos conteúdos disciplinares a serem abordados os quais são constituídos sem a participação do professores dificulta a incorporação de material extra-aula. Qualquer incorporação é difícil de ser encaixada no interior do calendário imposto, sem discussões, no qual tudo está programado para ser executado em tempo exato e hábil.

Introdução

A pesquisa que ora apresento, originou-se a partir de minhas observações enquanto docente. Desde 2001 sou formado em Letras e venho atuando como professor de Português, mais especificamente na frente de redação.

Ao lecionar em uma escola particular de uma cidade, no interior de São Paulo, percebi que, é comum a compra de uma franquia¹ que implica num pacote que contém: o nome da escola, a rede² a qual ela se vincula, a metodologia de trabalho, grade curricular e o material pedagógico apostilado.

A proposta de produção da redação aos alunos é sugerida, pela instituição escolar, com um tema determinado ao gênero do texto, numa tipologia extremamente pedagógica (narrativa, descritiva, argumentativa), concentrando-se as aulas e o material didático na exposição das fases de cada seqüência, principalmente da argumentação, com o gênero escolar dissertação, definido como um texto composto de introdução (dado), desenvolvimento (justificativa) e conclusão.

Como se trata de uma atividade “simulada”, visto que o material utilizado advém de uma franquia, a avaliação se aproxima das condições de produção do vestibular, em que o aluno dispõe de uma hora e quarenta minutos aproximadamente para elaborar e compor seu texto.

Aqui, observo como aparentemente limitante o trabalho do professor, pois ele acumula as instruções de correção do simulado, que diz como há que se corrigi-los, da forma como é oferecido. Ou seja, critérios já determinados pela franquia escolar - o que revela um conjunto de conhecimentos postos em circulação na nossa sociedade a propósito de como um texto deve ser estruturado e que se baseia nas mais recentes teorias da linguagem, como por exemplo, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, entre outras, tidas como teorias contemporâneas, apenas “treinando os educandos no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p.15) favorecendo mais uma repetição de conhecimentos e uma reprodução de idéias.

No tocante a tais questões, isto faz parecer, que a atividade pedagógica do docente seja tencionada por um conjunto de exigências adotado pela rede de franquia escolar, dentre eles o material apostilado, uma vez que possivelmente a autoridade da apostila é maior que a do professor, pautadas em relações às quais separam os que pensam dos que executam, capturando hipoteticamente o saber e o fazer docente, mantendo o sujeito professor, refém.

1.1 - Objetivo Geral

Averiguar nas relações de configuração de uma escola particular franqueada, que compreensão tem o professor de sua atividade pedagógica ao ser mediado também pelo material apostilado utilizado, e investigar como esta atividade pedagógica se dá na compreensão deste docente, uma vez que ela está interdependentemente (ELIAS, 2001) ligada nas relações de poder (FOUCAULT, 2004), ao sujeito professor na rede de franquia enquanto espaço institucional.

¹ Sistema pelo qual o detentor de uma marca registrada licencia firmas independentes para fabricação ou venda de produtos com tal marca, sob certas condições.

² Série de pontos de vendas ligados a uma só marca que respeitam a mesma política comercial de distribuição e orientação pedagógica.

1.2 - Objetivos Específicos

a) - Verificar na instituição particular investigada, junto aos professores que trabalham diretamente com técnicas de redação nos 3º anos de Ensino Médio e curso pré-vestibular, como suas relações se estabelecem de fato.

b) - Elucidar de que forma as tensões interdependentes instrumentalizam o olhar do professor na compreensão de sua atividade eminentemente relacional.

c) - Observar se o professor exercita mecanismos de fuga, ou seja, reinventa estratégias didáticas ao trabalhar com o material apostilado, uma vez que possivelmente sua atividade pedagógica é domesticada pela instituição de ensino franqueado na qual está vinculado.

1.3 - Hipótese

Minha hipótese é a de que o fazer pedagógico, embora seja tencionado por um conjunto de exigências adotado pela rede de franquia escolar; tais como a estrutura organizacional, os pressupostos, os valores, as condições e metodologia de trabalho, os horários das aulas, as disciplinas, o nome da escola, a rede pela qual se vincula, e em especial o material apostilado sistematizado; oportuniza possibilidades para que o professor, nas brechas e fissuras, no tempo e espaço da sala de aula, nos limites e nas possibilidades do trabalho docente, reinvente estratégias didáticas e pedagógicas que o auxiliam na compreensão de sua atividade eminentemente relacional.

1.4 - Metodologia

Do ponto de vista da aplicação e métodos e técnicas de pesquisa, este trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual na tentativa de elucidar a hipótese levantada, optou por coletar e avaliar dados por meio da aplicação de questionário junto a professores de Língua Portuguesa.

1.5 - Definição da Instituição Particular Franqueada

A investigação foi desenvolvida em uma instituição particular de ensino fundamental, médio e curso pré-vestibular de uma instituição particular de Ensino Franqueada, no interior de SP. Tal escolha se deu pelo fato desta instituição, ao pertencer à rede Objetivo franqueado de ensino, não possuir com o pesquisador nenhum vínculo empregatício.

1.6 - Definição dos entrevistados

Responderam ao questionário oito dos dez docentes de Língua Portuguesa, especificamente os docentes de técnicas de redação que atuam nos terceiros anos de ensino médio e cursinho pré-vestibular.

Quanto à escolha dos professores ela se deu em detrimento destes profissionais manterem com os alunos um número maior de aulas, uma vez que as atividades de produção de textos, propostas pela instituição particular franqueada de ensino se aproximam das condições de produção do vestibular.

Acredito ser importante ressaltar que a identidade dos professores foi preservada a fim de deixá-los à vontade para a formulação de críticas. Para sociologizá-los, caracterizei os docentes como: Professora R, 35 anos; Professor G, 40 anos; Professora P, 29 anos; Professora A, 23anos; Professora G, 31 anos; Professora D, 38anos; Professora S, 42anos; Professor R, 33 anos.

1.7 - Realização das entrevistas

A princípio a proposta foi a de entrevistar tais docentes e transcrever tais entrevistas. Contudo, jornadas exaustivas de até 60hs semanais de trabalho, de alguns destes docentes, inviabilizaram tal possibilidade.

Neste caso, o questionário elaborado com doze perguntas abertas foi proposto aos oito professores participantes para que o respondessem em suas residências, nas cidades em que moram. Esses professores foram por mim contatados, na unidade escolar em que lecionam durante os intervalos de suas aulas matutinas.

1.8 - Referencial Teórico

Para dar suporte a esta análise, recorri, a um estudo bibliográfico de autores na filosofia e na educação como, Foucault (2004), Bourdieu (1975), e em especial na sociologia, tal como Norbert Elias, apropriando-me do valioso conceito de “configuração”, “redes”, “teias”, “tramas”, “inter-relações”, ”interdependências” e “habitus social” (ELIAS, 1994c p.249-250), por ele utilizado.

Penso a escola franqueada tal como uma instituição (corte), cujas tensões (conjunto de exigências – Ex: pacote pedagógico, metodologia, horários, interdições, e em especial o material apostilado), pode se tratar-se, por alusão, de tramas e fios de teias nas malhas de inter-relações da instituição particular escolar que talvez possa instrumentalizar e refinar o olhar do professor na compreensão de sua atividade docente à medida que ela vai se constituindo no espaço e no tempo, nas brechas e fissuras da sala de aula.

1.9 - Análise dos dados

A escolha do instrumento metodológico utilizados para a análise das respostas ao questionário e sua categorização baseou-se em Bardin (2007) e em Ludke e André (1986, p.45), sendo para essas últimas, a tarefa de análise de dados,

“... implica, num primeiro momento, na organização de todo material coletado, dividindo-o em partes, relacionando-as e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões serão reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado”.

2.0 - Respostas e análise dos resultados obtidos

Os dados coletados por meio do questionário aplicado com doze perguntas foram analisados de acordo com as seguintes categorias: “material apostilado”; “conteúdos”; “condições de trabalho”; “perda da qualidade relacional”; ”medo”; “tempo”; “punição”; “vigilância”; “controle”; “mecanismos de fuga”; “a domesticação do professor”; “compreensão da atividade pedagógica”.

É importante ressaltar que as respostas ao questionário estão digitadas, por mim na íntegra, tais como foram respondidos pelos professores avaliados de Língua Portuguesa³.

Assim sendo, para melhor direcionar e discutir estas questões e destacar possíveis respostas passo agora a análise dos resultados obtidos por meio dos questionários aplicados e a partir deles, observar, segundo a ótica dos professores como é o trabalho com o material apostilado em uma instituição particular de ensino franqueada.

³ A identidade dos professores participantes foi mantida em sigilo, tal como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se encontra junto aos anexos desta pesquisa.

2.1 - Material apostilado, conteúdos, condições de trabalho, perda da qualidade relacional

Quando perguntado, aos oito professores como eles se sentiam em relação ao trabalho com o material apostilado, as respostas à questão de número quatro, revelou que sete deles afirmam um desconforto em relação ao uso em virtude do cronograma pré-estabelecido, o que geralmente limitava os espaços de criação, mas que de maneira geral o material lhes dava suporte, tal como se observa nas respostas a seguir,

“Às vezes, me sinto meio “amarrada” por causa da programação apertada, mas de modo geral, acho que o material me dá suporte e planejamento de aula” (Professora R, 35 anos).

“Sinto-me amarrada “parcialmente”, pois acredito que o material funciona como um norte, mas não desconsidero a necessidade de exercitar outros mecanismos de fuga com abordagens diferentes que venham acrescentar na aprendizagem do aluno” (Professora G, 31 anos).

Tais respostas evidenciaram-me que os professores de língua portuguesa consideram o material como facilitador do trabalho. Isto revela que a existência de um material apostilado com conteúdos pré-estabelecidos, evita que os docentes percam tempo com a preparação de aulas.

Há, entretanto um consenso sobre o material: a questão do tempo, o extenso conteúdo da programação, o excesso de informações, atividades, bem como a perda da qualidade relacional, são considerados como um agravante tencionador da atividade docente. Todas estas questões são demonstradas nas respostas a seguir:

“Ministro 56 aulas semanais, entre escolas públicas e estaduais. Qualidades: aulas bem explicadas e tarefas referentes a cada uma delas. Defeitos: textos antigos, alguns longos e desinteressantes, excesso de aula, programação “apertada e cerceadora” (Professora R, 35 anos).

“Ministro 52 aulas semanais, entre colégio público e particular. Qualidade: a seqüência cronológica, a organização, os aspectos práticos aos alunos, como por exemplo, o aluno previamente saber quais exercícios e conteúdos são contemplados, as ferramentas a serem aplicadas, etc” (Professor R, 33 anos).

A professora D, 38; o Professor R, 33; ressaltam ainda, quanto aos defeitos do material que além de não haver aprendizagem ou assimilação dos conteúdos, as sugestões são escassa, sem criatividade, atrelados à rigidez do método avaliativo, e engessado que apenas exploram a memorização e a reprodução de conceitos mencionados. Conforme suas respostas,

“Percebo que não há aprendizagem ou assimilação de conteúdos. No tocante às produções de texto, além de poucas, as sugestões são sem criatividade” (Professora D, 38).

“Defeitos: a restrição metodológica, a restrição de conteúdos e rigidez do método avaliativo” (Professor R, 33).

2.2 - Medo, tempo, punição, vigilância, controle, mecanismos de fuga

Contudo, embora o material apostilado seja considerado “facilitador do trabalho”, por trazer organizado, dividido e fragmentado por especialidades, o que o docente irá executar e o ideal de produtividade que se busca é o cumprimento do cronograma previamente estabelecido pela empresa no início do ano.

Há o medo do atraso, das sanções punitivas, mas mesmo assim a programação se cumpre em termos, uma vez que, a princípio todos responderam que “sim” a questão do cumprimento do calendário, embora com ressalvas, como a afirmação de que este “cumprir” só foi conquistado após alguns anos de experiência, adaptação e costume, tal como respondeu o professor G, 40 anos, e a Professora P, 29;

“Sim, cumpro a programação em tempo hábil. Esta façanha se dá em virtude da vasta experiência que tenho com o uso do material” (Professor G, 40 anos).

“Sim, eu cumpro a programação em tempo hábil. Pelo fato de trabalhar há alguns anos com o conteúdo apostilado, adquiri-se uma certa experiência em relação ao cronograma” (Professora P, 29 anos).

Contudo, tais afirmações em relação ao cumprimento pela vasta experiência em se trabalhar com o material é revestida de uma consciência que estes profissionais têm em relação a seu trabalho com a instituição, uma vez que, mesmo “degladiando-se”, tal como registra a Professora G, 31 anos ao utilizar-se de uma metáfora de campo de guerra. Se não cumprirem as tarefas, ficarão sujeitos a punições, como possivelmente a perda do emprego,

“Considero exigente à medida que uma abordagem extremamente conteudística me traz certo “sufoco”, pois tenho que “digladidar” sempre contra o tempo. Deparo-me sempre com a exigência do conteúdo, visto que, acredito ser ele elaborado e proposto de forma não tão eficaz ao alunado” (Professora G, 31 anos).

A pressão é grande e impede que o professor arrisque levar para a sala outros materiais, embora o façam esporadicamente, mas quando o fazem só o realizam com a autorização e o aval da direção, o que se caracteriza, portanto como um sistema de vigilância e controle das ações pedagógicas. Tais impressões são notadas como se observas nas respostas das questões de número seis, sete, oito e nove.

A professora G, 31 anos; assim se expressou na resposta no tocante às questões de vigilância e controle,

“Na frente da disciplina que atuo (redação) fica um tanto quanto difícil incorporar aulas extras em detrimento do exíguo espaço de tempo que o cronograma estabelece. Contudo, quando possível, e com a autorização da direção, e de acordo com a necessidade de cada grupo de alunos, acrescento abordagens diferentes a partir de material extra-apostila” (Professora G, 31 anos).

Apesar deste quadro e dos próprios limites impostos pela programação pré-estabelecida, é muito importante notar nas respostas que os professores exercitam sim mecanismos de fuga ao criar estratégias para acrescentar ao material apostilado outros instrumentos didáticos, oportunizados por novas possibilidades de trabalhá-los, embora tenham consciência de que suas práticas pedagógicas são controladas, vigiadas e domesticadas pelo sistema da rede privada de ensino tal como revela a seguinte resposta,

“Não há quase nenhuma possibilidade de incorporação de algum tipo de material extra - apostila, mas quando utilizo goste de trazer textos extras, letras de música ou vídeos, tudo com contextos e atividades que cobram o que foi estudado. Quanto à programação normalmente cumpro. Só quando há

muitos feriados nos mesmos dias ou provas marcadas pelo colégio é que atraso. Também considero exigente a programação, porque não me permite diversificar muito. Quase sempre as aulas são obsoletas e desinteressantes e deveriam ser substituídas naturalmente”. (Professora R, 35 anos).

Todas estas respostas indicaram-me que, apesar desta situação disciplinadora e restritiva inerente a cada professor, a maioria afirmou que é possível incorporar em suas aulas outros tipos de materiais didáticos, além da apostila, e que o fazem, sempre ou às vezes para que se completem os espaços e as lacunas que o material não compreende.

Entretanto, é explícita a ressalva de que “esta incorporação de material extra - didático” este “ir além” do previsto pela apostila, é difícil, pois supõe que o professor esteja “em dia” com a programação, algo que, segundo alguns, se conquista com a experiência adquirida no trabalho com o material previamente elaborado.

Convém, entretanto, ressaltar que este “ir além” na maioria das vezes envolve uma negociação com a direção pedagógica ou com a própria entidade mantenedora da unidade franqueada, respeitando-se as “poucas” possibilidades abertas pela rígida programação⁴, como constatei nas respostas dos professores.

2.3 - Domesticação do professor, compreensão da atividade pedagógica

Nas entrelinhas do questionário, nas respostas dos professores, nota-se uma decalagem nas condições concretas de produção docente: é evidente a percepção da fratura do discurso pedagógico prometido pela franquia; bem como a percepção entre o possível de ser executado pelo professor, em relação à evidente pressão do exíguo espaço de tempo para se trabalhar com o material apostilado.

Apesar deste quadro e dos próprios limites em relação às condições impostas pela programação pré-estabelecida, que se figura num conjunto de exigências adotado pela rede ensino franqueado, é muito importante para este trabalho deixar explícito que os professores compreendem sua atividade pedagógica e as exercitam embora vigiados e controlados por um sistema de ensino franqueado que domestica suas praticas.

Tais questões podem ser observadas nas respostas de número dez, onze e doze,

“Acho possível compreender minha atividade pedagógica desde que eu exerça criatividade e paciência. O material tem lá suas qualidades e posso explorá-la. O que tenciona o conhecer e o saber de minha atividade docente As sugestões que proponho é que os alunos trabalhem em dupla (que não sejam fixas), após a explicação da aula. Sugeriria que durante esta atividade eles tivessem todo o suporte do professor para que suas dúvidas fossem esclarecidas, bem como a troca de informações efetuadas entre os pares. Também que as aulas fossem divididas em duas partes: explicação e trabalho dos alunos. E o mais importante, que o material estivesse mais atualizado e que houvesse “menos” aulas para que pudéssemos trazer propostas novas e diferentes em apoio ao que foi ensinado, cuja meta estivesse centrada na participação dos alunos também nessa busca” (Professora R, 35 anos).

“Quando o professor vai além da apostila e tem seu conhecimento acima do conteúdo proposto, acho possível que sua atividade docente se faça aí. O professor é melhor que a apostila. É ele quem faz o material funcionar. Em meu caso, percebo que a maior exigência ainda se trata da necessidade de

⁴ Sem dúvida, um planejamento da programação e dos conteúdos disciplinares a serem abordados os quais são constituídos sem a participação do professores dificulta a incorporação de material extra-aula. Qualquer incorporação é difícil de ser encaixada no interior do calendário imposto, sem discussões, no qual tudo está programado para ser executado em tempo exato e hábil.

cumprir a apostila em tempo exíguo. No tocante ao material apostilado utilizado proporia à instituição franqueada que desse ao educador uma liberdade maior, enfim, tempo para que executasse o conteúdo sem tamanha pressão. Enfim, que deixasse o docente mais à vontade para trabalhar o conteúdo programático e dessa forma tratar os alunos na sua diversidade, heterogeneidade” (Professor G, 40 anos).

Deste fato, percebe-se que o material apostilado se figura como um método cuja manutenção de poder e controle na sala de aula se dão em detrimento do trabalho pedagógico. A instituição particular fraqueada se transforma, neste caso, num lugar onde se exercita certo tipo de relação de poder, por determinado grupo.

Todo este conjunto de situações, nas inter-relações que se dão no cotidiano da prática docente, nos remete à idéia de que o professor ao “intervir” nas decisões relativas ao controle de suas aulas a partir do material didático que media sua atividade exercita mecanismos de fuga, de “resistência”, que colabora para que este profissional some e incorpore conhecimentos sobre o conteúdo de sua disciplina.

Em suma, a análise e a exposição desta pesquisa sobre as possibilidades de intervenção do professor no contexto de sua atividade pedagógica nas intuições franqueadas, que adotam como referência e prioridade o material apostilado, deixam ultrapassar uma lufada.

Dizer, por exemplo, que as formas de preparação e seleção de nossos alunos para as provas de acesso ao ensino superior, vendidas e negociadas pelos cursinhos e seus respectivos sistemas de ensino são excludentes, imparciais e injustas.

E, o que ainda acontece é a preservação de um sistema de privilégios onde os mais favorecidos são os componentes da chamada “indústria dos vestibulares”, fomentada pelo apostilado, cuja lógica de funcionamento tentei equacionar ao longo desta dissertação, especificamente em relação aos apontamentos deste estudo, em especial no tocante ao material didático considerado o “astro” sob o qual se movem as relações construídas entre as matrizes deste modelo de educação franqueada.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: Adorno, T.W.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. De Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro; Zahar, 1986.

AQUINO, J. Groppa. *Os desmandos dos “apostilamento”*. In: rev. Educação, Ano 10, n.111,2006.

ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas, Papirus. 2000

BENJAMIN. W. *Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2º edição. 2000.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *La nobless d’ État grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989.

_____. *Sur le pouvoir symbolique*. Annales, Paris, v.32, n.3, p.405-411, maio/jun, 1977.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 (Memória e Sociedade).

CONTRERAS, J. *Autonomia de Professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

DOSSE. F. *A História da prova do tempo: História em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Unesp, 2001.

ELIAS, N. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

_____. *O Processo Civilizador. Uma História de Costumes*. vol. I Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1994c.

_____. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Vol. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994d.

_____. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Conocimiento y Poder*. Madrid: La Piqueta, 1994a.

_____. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

FAORO. R. *A questão nacional*. Estudos Avançados, nº14, vol.6, São Paulo: USP, Jan, /Abr.1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Còllege de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970, 2º ed*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do poder*. 19 ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. *Estratégia, poder – saber*. Coleção ditos e escritos. vol.IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Vigiar e Punir*. 22ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 13º ed.

Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.v.I e II.

Apêndice A - Roteiro do questionário aplicado aos professores do colégio Objetivo

- 1) Há quanto tempo você atua no magistério na rede particular franqueada de ensino?
- 2) Qual sua formação? Em Instituição Pública ou Particular?
- 3) Quantas aulas você ministra por semana?
- 4) Como você se sente em relação ao trabalho com o material apostilado? Justifique a resposta.
- 5) Aponte quais são para você as maiores qualidades e os maiores defeitos deste material.
- 6) Existe a possibilidade de incorporação nas aulas de algum tipo de material extra-apostila? Quais? De que forma você os utiliza?
- 7) Você cumpre a programação estabelecida pelas apostilas em tempo hábil? Justifique.
- 8) Você considera exigente a programação estabelecida no conteúdo apostilado? Por quê?
- 9) Como professor, você observa se há exigências produzidas pelo material apostilado didático que tenciona o saber e o conhecer de sua prática pedagógica? Justifique.
- 10) Você acha possível compreender sua atividade docente a partir das relações pedagógicas mediadas pelo material apostilado na rede de franquia escolar? Justifique.
- 11) Qual(s) outra(s) exigência(s), em sua opinião, adotada(s) pela instituição particular franqueada de ensino tenciona o conhecer e o saber da atividade docente no tempo e no espaço da sala de aula? Justifique.
- 12) No tocante ao material apostilado utilizado qual(s) sugestão(s) você proporia à rede de ensino onde você atua para tornar ainda mais viável em sala de aula sua atividade pedagógica? Justifique.